

ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: OS EXILADOS DA VELHA REPÚBLICA

CARDOSO, Kelson Carlos de Carvalho¹. **SANDES**, Noé Freire².

Palavras-chave: História e Memória; Exílio; Revolução de 1930; anti-varguismo.

1. INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa deriva do projeto desenvolvido pelo Prof. Dr^o Noé Freire Sandes, denominada “Entre a memória e a história: os exilados da velha república”. Teremos por finalidade analisarmos as relações entre memória e história, a escrita memorialística e a escrita histórica, principalmente com relação à Revolução de 1930, e o papel político desenvolvido por Otávio Mangabeira nesse período.

Otávio Mangabeira, político baiano, foi em toda a sua vida um homem público, engajado no seu período e na discussão dos problemas nacionais. Como homem público exerceu as seguintes funções: deputado federal, pela Bahia, de 1912 a 1926, de 1935 a 1937 e de 1955 a 1959; ministro das relações exteriores de 1926 a 1930; governador baiano de 1947 a 1957; e senador pela Bahia de 1959 até a sua morte, em 1960.

Analisar a sua vida é, antes de tudo, aprofundar nossos conhecimentos sobre um período tão importante da história republicana nacional. Mangabeira foi agente e testemunha de fatos que ainda merecem o aprofundamento historiográfico, período onde atuou como um “derrotado” político, publicando manifestos e protestando contra a situação vigente. Refiro-me ao período subsequente a Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas chega a presidência do governo provisório, passa a ser o personagem principal da cena política brasileira, de onde só sai em 1946.

Vargas pode ser considerado o principal adversário político de Mangabeira, pois desde que assumiu a presidência do país, encontrou no político baiano um de seus mais ferrenhos opositores. No governo Washington Luis, Mangabeira exercia a pasta de ministro das relações exteriores, quando explode a Revolução de 1930 perde o cargo, apesar de testemunhar que foi convidado pelos revolucionários para continuar no governo e apoiar o novo grupo dominante. Logo após a sua negativa é preso e exilado. Seus exílios - o primeiro pensou que iria

levar meses-, tomou-lhe dez anos da presença em seu país : o primeiro, de 1930 a 1934, e o segundo, de 1938 a 1945.

Nos dois afastamentos Otávio Mangabeira exerceu, como costumou dizer, o seu “mandato do exílio”, já que mesmo fora do país ele escreveu vários manifestos, defendendo a democracia, protestando contra a situação nacional, sendo um exilado que não deixou de exercer a atividade de homem público participante da política brasileira, artigos que clamavam contra as arbitrariedades e a ditadura do regime varguista. Em seus textos podemos perceber a atmosfera e o pensamento político não somente de uma pessoa, mas de um grupo que perdeu o poder e que luta com as armas possíveis para tentar reavê-lo. Armando Sales, Paulo Duarte, Euclides Figueiredo, Júlio de Mesquita Filho, Artur Bernardes, João Mangabeira, são alguns que representam esse grupo que foi apeado do poder pela Revolução de 1930, pelo golpe do Estado Novo, e que só voltam a cena política com cargos eletivos em 1945, com a anistia aos exilados.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, fizemos um apanhado da bibliografia sobre a relação entre memória e história e a Revolução de 1930, sempre procurando refletir sobre o projeto político dos exilados por essa revolução, deportados e condenados ao silêncio, como Otávio Mangabeira. Tivemos como fundamentação teórica os livros de Michel de Certeau, Maurice Walbwachs, Michael Pollak e Henri-Irenée Marrou. Também os artigos publicados por Charles Feitosa, Luis Costa Lima, Giovanni Levi e Pierre Bourdieu, que problematizam a escrita biográfica e autobiográfica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A percepção de “derrotado” político por parte de Otávio Mangabeira veio em 22 de outubro de 1930, como escreve em seu livro “As Últimas Horas da Legalidade” , transcrito em partes na sua biografia escrita por Yves de Oliveira: “[...] quarta-feira, tinha começado a arrumar papéis no meu gabinete, certo de que, mais hora, menos hora, tudo estaria perdido “(OLIVEIRA, p. 112). Sentenciava que nesse momento a sorte da nação estava em perigo, indo junto com o governo deposto. Tentou contornar com diplomacia as tensões existentes, negociando com

a Junta Militar revolucionária uma saída honrosa do presidente deposto Washington Luis.

Com a vitória dos revolucionários de 1930, o panorama político nacional é modificado. Mangabeira afirma que foi convidado pelo novo governo para continuar em sua pasta de relações exteriores, convite que foi negado e, por isso, pela negativa em fazer parte do novo grupo dominante, veio a sua prisão em 7 de novembro de 1930. A biografia de Yves de Oliveira demonstra no relato desses acontecimentos um fato característico de toda a sua narrativa: a exaltação do biografado Otávio Mangabeira e a transformação de sua biografia em uma hagiografia. Os possíveis defeitos de Mangabeira se restringem a ingenuidade de coração e a pureza de espírito. Assim escreve Yves de Oliveira sobre as cartas que Mangabeira enviou a Getúlio Vargas protestando contra a sua condição de preso político: “Nessa diapasão, Mangabeira ainda escreveu alguns períodos, tão românticos quanto ingênuos” (OLIVEIRA, p.123).

4. CONCLUSÃO

Escrever uma biografia ou autobiografia implica em um confronto com o terreno da impossibilidade. Rousseau, por exemplo, após um período acreditando poder escrever a sua vida em um livro, finalmente chega a conclusão que a autobiografia é impossível. Diderot também chegou à mesma conclusão. Dar sentido a vida de uma pessoa leva ao cometimento de alguns equívocos: pensar que uma personalidade é coerente e estável; acreditar em uma cronologia ordenada e ter a ilusão de uma identidade específica. Por fim, a própria possibilidade do historiador em contar uma vida é posta em cheque. O resultado para tal problema tem sido o uso, pelos biógrafos - que contam a sua própria vida ou a vida de outra pessoa -, de uma história romanceada, influenciada pela literatura, na busca por um sentido único nas trajetórias individuais, como se a vida fosse um desenvolvimento contínuo e progressivo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930. Historiografia e História*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

BEZERRA, Holien Gonçalves. *O jogo do poder: Revolução Paulista de 32*. São Paulo: Moderna, 1988.

MARINHO, Josaphat. *Perfis Parlamentares 10. Otávio Mangabeira*, Brasília: Câmara dos Deputados, 1978.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. trad: MENEZES, M.L., rev.: VOGEL, A. 2ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2002.

MARROU, Henri-Irenée. *Do conhecimento histórico*. São Paulo. Martins Fontes, s/d.

POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Rio de Janeiro. Estudos Históricos, 1989.

OLIVEIRA, Yves Orlando Tito de. *Otávio Mangabeira: Alma e voz da república*. Rio de Janeiro. Saga, 1971.

LIMA, Luis Costa. *Persona e Sujeito Ficcional*. In: Pensando nos trópicos. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1991. 40-56

FEITOSA, Charles. *Labirintos: corpo e memória nos textos autobiográficos de Nietzsche*. In: LINS, Daniel; GADELHA, Silvio (orgs). Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Delume Dumará; Fortaleza, CE. Secretaria da Cultura e dos Desportos , 2002. p.49-66.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: Usos & Abusos da História Oral.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). 3ed. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 2000. p.183-191.

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: Usos & Abusos da História Oral.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). 3ed. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 2000. p.167-182.

ABREU, Alzira Alves de (org.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós 1930*. Ed. Revisada e atual. Rio de Janeiro. Editora FGV; CPDOC, 2001. 3 e 5 volumes.

¹ Voluntário de Iniciação Científica. Departamento de História – FCHF kccardoso@hotmail.com.

² Orientador/pesquisador. Departamento de História – FCHF noefsandes@uol.com.br.